

NARRATIVAS DE UM SUJEITO SURDO HOMOSSEXUAL: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Fabio agosto Teixeira Rodrigues*
José Anchieta de Oliveira Bentes**

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as relações de alteridade, por meio da análise dialógica de narrativa de vida de um sujeito surdo homossexual. Tem como referencial conceitual os achados de Bakhtin e do Círculo. Nessa análise, utiliza-se a entrevista semiestruturada para conformar as narrativas de vida. Tais narrativas foram categorizadas como ocorrências de alteridades do reconhecimento, da normalidade e do armário. Os resultados apontam o aparecimento de uma alteridade da normalidade, em razão de condicionar o reconhecimento amoroso a partir da sexualidade do sujeito.

Palavras-chave: Sujeito surdo; Homossexualidade; Narrativa de vida; Relações de alteridade.

NARRATIVES OF A HOMOSEXUAL DEATH SUBJECT: A DIALOGICAL ANALYSE

Abstract: This paper objectifies to analyze the otherness relations, through the dialogical analyze of life narratives of a homosexual death subject. Introduces the thought of Bakhtin and the circle as reference. It is utilized in this analyze the semi-structured interview to conform the life narratives. Those narratives were categorized as occurrences of otherness of recognition, of normality and of closeted. The results point that the speeches expressed in the family field are marked with a predominance of othernesses, an otherness of normality, due to conditioning the loving recognition based on the subject's sexuality.

Keywords: Death subject; Homosexuality; Life narratives; Otherness relations

Introdução

Neste artigo, compreendemos a constituição do sujeito com base nos discursos em circulação nos campos da comunicação discursiva. Nesse sentido, utilizamos a concepção dialógica do discurso de Bakhtin e do Círculo, pois utiliza o conceito de dialogismo como pilar na construção do sujeito, na relação eu-outro.

Acerca dessa construção da relação eu-outro, entendemos, na lógica bakhtiniana, que todo 'eu' está direcionado para o externo, o que implica pensar no outro como um centro de valor, isto é, buscamos a nossa completude no interlocutor. Este deslocamento possibilita ao sujeito enxergar-se não como autossuficiente, mas como inacabado.

Em razão disso, o presente trabalho tem as seguintes questões norteadoras: como as relações de alteridade constituem o surdo homossexual? Quais os tipos de alteridade presentes na narrativa de vida de um surdo homossexual? Como esse sujeito surdo homossexual se posiciona diante dos distintos centros valorativos?

A partir dessas questões, esta pesquisa tem por objetivos analisar as relações de alteridade na narrativa de vida de um surdo homossexual; caracterizar os tipos de alteridades encontradas nas relações; e identificar os posicionamentos de um sujeito surdo homossexual, em diálogo frente aos diferentes centros de valor.

Nas seções seguintes, trazemos as definições de dialogismo e de campo da comunicação discursiva. Em seguida, apresentamos as concepções da análise dialógica do discurso, o sujeito da pesquisa, as tramas da pesquisa com narrativa de vida e os procedimentos para a coleta dos dados, com a formulação das categorias para análise de trechos que mostram a dimensão concreta da palavra no campo familiar. Por fim, apresentamos as nossas considerações finais.

1 Por uma concepção dialógica da linguagem

Somos constituídos por muitas vozes e elas atravessam o nosso ser em diversas situações, ou seja, estamos a todo momento diante de um 'outro' e somos sempre alterados por esse 'outro'. Nesse sentido, falar de alteridade é também falar da concepção de dialogismo, pois as relações de alteridade, concretizadas na relação eu-outro, são a materialização dos processos dialógicos. Essas relações dialógicas concebem a alteridade como um processo para a constituição dos sujeitos.

Essa concepção dialógica está ancorada nas relações, especificamente, nos postulados de Bakhtin e o Círculo. O filósofo russo Mikhail Bakhtin compreende a linguagem a partir das situações de interação, pois o 'eu' só se constitui enquanto sujeito na relação com o 'outro'. Dessa forma, a composição do ser é social, uma vez que há a necessidade do diálogo com o interlocutor.

Esse processo de construção do 'eu' é um devir, em virtude de estarmos sempre alterando e sendo alterados por distintos 'outros'. De acordo com a concepção dialógica, o sujeito – o 'eu' – estabelece a sua concretude quando em interlocução com um 'outro', sua existência no enunciado concreto.

Acerca da concretude do ser, o enunciado é um ponto essencial para entendermos de que forma o sujeito se torna concreto e alcança sua completude. Esse termo, sob o prisma dialógico, consiste na palavra enquanto um espaço de embate de vozes, isto é, toda palavra está dialogada para o externo, orienta-se para o 'outro', e esse 'outro' emitirá uma réplica, de modo a ampliar a cadeia enunciativa.

No que tange ao processo dialógico, o pensador russo argumenta:

todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mais também de alguns enunciados antecedentes – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2016, p. 26).

Observamos a palavra inserida em um emaranhado de discursos de outrem, sendo um elo para a produção de outras palavras. Essa inter-relação de uma palavra com outras configura-se como fluxo discursivo na medida em que não há nenhum discurso isolado, pelo contrário, todo enunciado se constitui enquanto tal quando inserido em uma situação de comunicação, o que implica pensar na relação eu-outro.

A partir dessa premissa, as relações dialógicas ocorrem como uma negociação de sentidos, porque há sempre uma tensão entre um 'eu' que se enuncia e um 'outro' que, por meio da compreensão ativo-dialógica, responde e, com isso, produz o acabamento enunciativo necessário para a completude de ambos. Esse caráter responsivo do enunciado é pontuado por Bakhtin (2016):

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2016, p. 25).

Na concepção do autor, a natureza responsiva é um traço peculiar da palavra tomada como enunciado, pois é a partir dessa resposta que a relação obtém um sentido de fato, chega ao seu acabamento apta a prosseguir com o fluxo discursivo. Nessa premissa apresentada, constatamos a vivacidade da palavra quando inclusa em um acontecimento discursivo.

Dessa forma, pensar as interações não como simples diálogos, dado que a integralidade da palavra - sua existência concreta - se efetivará nesses eventos dialógicos, os quais são sempre efetuados por sujeitos situados em um tempo e em um espaço.

A palavra enunciada de um 'eu' irá ao encontro da palavra de um 'outro', essa fronteira de trânsito de um enunciado de um e de outro é o dialogismo, ou seja, na palavra nos inauguramos como seres únicos e também modificamos os nossos pares. Sobre essa orientação dialógica da palavra, Valentin Volóchinov (2017), também integrante do círculo bakhtiniano, apresenta:

A palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido etc.) (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204 - 205).

Notamos a heterogeneidade das relações, pois, como mostra Volóchinov, a alteridade, materializada na relação eu-outro, não pode ser vista de forma cristalizada, uma vez que essa, a depender de quem seja o outro sujeito, resultará em uma relação de aceitação, de concordância ou de negação, de divergência e, até mesmo, de imposição, quando há a ausência do diálogo.

Em virtude do seu caráter dialógico, a palavra é repleta de valorações, oriundas de situações de interação com o 'outro' em distintos contextos. Essas enunciações são essenciais, sendo que as diversidades de vozes nos penetram, de modo que somos expostos em um mundo de valorações materializadas por discursos heterogêneos.

A língua na concepção dialógica é realizada por manifestações reais, tomadas no paradigma de enunciados concretos, uma vez que a língua adquire sua vivacidade no momento da tensão dialógica, o que pressupõe pensar em relações discursivas. Quando se pensa na língua em sua manifestação viva, é indispensável compreendermos em qual campo da comunicação discursiva ocorre essa interação verbal. Dessa forma, é imprescindível chamar atenção para um conceito bakhtiniano importante para a análise de qualquer materialidade linguístico-discursiva: o campo da comunicação humana.

Na acepção de Bakhtin, “Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo” (BAKHTIN, 2016, p. 57). Nesse sentido, os discursos estão dispostos em um construto discursivo, como num fluxo que, a depender do campo da comunicação discursiva, emoldura a palavra. Essa concretude acontece no contato de uma palavra com a outra, construindo uma cadeia discursivo-enunciativa.

Nesse ponto de vista, a noção de campo da comunicação discursiva está relacionada com a peculiaridade de cada gênero discursivo, dado que possuem os seus aspectos singulares no momento de produção da palavra. Acerca disso, Grillo (2016) faz o seguinte apontamento:

[...] a noção de esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente ideologia) é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo (GRILLO, 2016, p. 143).

Seguindo essa lógica de compreensão, é possível concebermos a atividade humana como um ato de ocorrência na linguagem, uma prática situada em uma dimensão específica da palavra. Visto que esse campo da comunicação discursiva possui os seus aspectos especializados, ou seja, tem os seus condicionantes sócio-discursivos, responsáveis por delimitar o discurso em um tipo determinado e lugar de circulação.

De acordo com Bakhtin, “Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 57). Dessa maneira, a palavra inserida em um determinado domínio assume um caráter típico desse âmbito específico e sua manifestação ocorre por meio de gêneros, os quais estão estabelecidos a partir da cadeia de enunciados próprios de tal campo da comunicação discursiva.

2 Por uma análise dialógica do discurso

A Análise dialógica do Discurso (doravante ADD) foi construída a partir dos achados presentes na obra de Bakhtin e do Círculo, um grupo formado por autores

russos de diversas áreas de pesquisa. Essa designação, no Brasil, foi criada pela linguista Beth Brait, uma das principais referências dos estudos bakhtinianos no país. Ela, por meio de um minucioso estudo das obras dos pensadores russos, conceituou essa vertente teórica dos estudos do discurso como “[...] uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (BRAIT, 2016, p. 10). Dessa forma, a ADD analisa o discurso não apenas como unidade linguística, mas vai além disso, examina os aspectos extraverbais contidos no enunciado concreto.

Também destacamos o termo utilizado pela autora, metalinguística, designação elaborada pelo autor russo e direcionada a contemplar as múltiplas particularidades imbricadas na palavra. Esse enunciado pode ser compreendido como um campo de estudo para a materialidade linguístico-discursiva, composta pelas relações dialógicas, uma vez que é na relação eu-outro que as construções sígnicas ocorrem, na convergência de sentidos.

A respeito dessa conceituação do termo metalinguística, Grillo (2013) argumenta: “a metalinguística se interessa pelos fenômenos de diálogo que, mesmo que pertencentes ao domínio da língua, não se restringem a ela, pois são de natureza extralinguística” (GRILLO, 2013, p. 23). A partir disso, podemos compreender a metalinguística como uma heterociência nos estudos da linguagem, a qual analisa as relações dialógicas de sentidos ; instauradas a partir de enunciados, sendo estes vinculados a um projeto de dizer, portanto, signos que ultrapassam o âmbito sistêmico, são ideológicos.

Outrossim, é importante ressaltar que o termo metalinguística já estava presente nos achados de Bakhtin, sobretudo na sua obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, uma produção de grande influência para a conclusão obtida por Brait, a qual resultou na ADD. De acordo com a autora:

O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá – como se pode observar nessa proposta de criação de uma nova disciplina, ou conjunto de disciplinas -, herdando da linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade

constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados (BRAIT, 2016, p. 13).

Como podemos observar, a ADD faz uma análise da materialidade linguística enquanto um objeto linguístico-discursivo, o qual considera tanto a sua dimensão intra quanto extralinguística. Assim, esse procedimento analítico faz uma investigação, seja do ponto de vista sistêmico, seja dos outros discursos que o constituem.

Com uma análise a partir de um contexto real, a língua é tomada no seu sentido a partir do contato com outro enunciado, ou seja, não se pode realizar um empreendimento analítico descontextualizado, sem conceber onde o ato, aqui tomado como acontecimento discursivo, ocorreu, quem o perpetrrou e o porquê. Esses são pontos essenciais para uma análise com a finalidade do todo, ou seja, o sentido.

Este trabalho tem como materialidade analítica a narrativa de vida contada por um sujeito surdo, esse se identifica como homossexual e pardo.

O Quadro 1, apresentado a seguir, sintetiza algumas informações do sujeito: o nome, a idade, a raça e orientação sexual.

QUADRO 1: caracterização do sujeito da pesquisa

Nome	Idade	Raça – cor	Orientação sexual
Rudá	25 anos	Pardo	Homossexual

Fonte: elaborado pelos pesquisadores (2019)

No que tange à pesquisa, na perspectiva da narrativa de vida, utilizamos o conceito de Bertaux (2010) para quem esse tipo de narrativa “[...] consiste em considerar que algo de narrativa de vida a partir do momento que o sujeito conta a outra pessoa, pesquisador ou não, um episódio qualquer de sua experiência vivida” (BERTAUX, 2010, p. 47).

Uma característica marcante da pesquisa com narrativas de vida é a delimitação do narrar em um aspecto particular, o que demonstra a narrativa de vida como uma parte específica da vida do sujeito sendo focalizada. Ademais, salientamos que constituinte do que se concebe por narrativa de vida, na interpretação de Bertaux (2010), a qual consiste na experiência, conceituada da seguinte forma: “[...] o sujeito é convidado pelo pesquisador a considerar suas experiências passadas através de um filtro” (BERTAUX, 2010, p. 49). Essa delimitação, que consiste em um fragmento

a respeito da vida do entrevistado, faz parte deste modo de fazer pesquisa, pois contribui para a consecução dos objetivos propostos a alcançar.

Com base nessa premissa, podemos conceber a existência de um contrato na realização da entrevista, que predetermina o processo para a construção de um caminho na busca pela pauta esboçada na pesquisa. Além disso, a realização desse acordo também é válida para ressaltar o viés dialógico inserido nesse ato, sendo possível visualizar a relevância da relação eu-outro para a efetivação do diálogo que, nesse caso, é em forma de narrativa de vida.

Ademais, outra característica apontada pelo mesmo autor quando se refere à especificidade do modo de pesquisa em questão, é o seu caráter social e histórico (BERTAUX, 2010). Essa peculiaridade está relacionada à fragmentação de uma parcela das experiências vivenciadas em uma determinada temporalidade, ou seja, são fatos constituintes de um período da vida. Nesse sentido, as singularidades das narrativas de vida proporcionam ao pesquisador chegar a uma conclusão acerca do objeto social.

Por conseguinte, é por meio da narrativa de vida de um sujeito surdo homossexual e de suas singularidades que será possível agrupar as recorrências em comum, e, a partir disso, construir uma compreensão sociológica, isto é, ter uma dimensão social a partir da narrativa do sujeito sobre o objeto social considerado neste trabalho: surdos homossexuais.

Dessa maneira, apresentamos de forma sequencial o andamento da coleta da narrativa: i) ocorreu a recepção do sujeito surdo na sala 15, bloco VI, na Universidade do Estado do Pará; ii) foi explicado em Libras do que se tratava a pesquisa e foram destacados os aspectos éticos, bem como sua relevância para o campo da linguagem e da educação. Nesse momento, foi entregue ao sujeito o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); iii) realizada a leitura do termo em Libras. Após a leitura sinalizada do documento, o sujeito declara que aceita (ou não) participar da pesquisa e assina o termo. Destacamos que foi um encontro, com a duração de cerca de uma hora.

Também é importante ressaltar o uso de nome fictício para preservar a identidade do sujeito. Ainda sobre isso, de forma alguma será exposta a sua imagem. A respeito do TCLE, destacamos a sua relevância e necessidade no trecho seguinte: “[...] deverá solicitar a cada informante que assine um Termo de Consentimento Livre

e Esclarecido (TCLE)ⁱ. O anonimato deverá ser garantido a todos os informantes e códigos e nomes fictícios serão utilizados no relatório” (MARCONDES; TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 17).

Essas opções adotadas explicitam o caráter ético, o qual respeitamos o sujeito da pesquisa, assim como a preservação da integridade moral dele. Além do mais, com o uso do TCLE, expressamos a legitimidade da escolha realizada pelo sujeito em colaborar com a pesquisa, ou seja, o caráter voluntário. Também asseguram as condições legais da nossa atuação para com esse sujeito.

Em um segundo momento, começou a filmagem da entrevista, com o uso de uma câmera amadora. Durante as filmagens, além do sujeito surdo, estiveram presentes mais três pessoas: dois pesquisadores e um intérprete de Libras, sendo que um dos pesquisadores sentou ao lado do sujeito surdo diante da câmera e o intérprete ficou ao lado do tripé da filmadora, na nossa frente. A dinâmica do processo consistiu no diálogo em Libras com o entrevistado, e o intérprete esteve a todo momento fazendo a tradução, designada como sinal-voz.

Outrossim, destacamos a técnica metodológica utilizada, a entrevista semiestruturada. Marcondes, Teixeira, Oliveira (2010) apontam a seguinte observação: “A entrevista semiestruturada parte de um roteiro pré-estabelecido, mas, na sua aplicação, o entrevistador pode acrescentar novas perguntas, conforme o teor da narrativa dos entrevistados” (MARCONDES; TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 46).

Embora haja um esquema de perguntas predeterminadas, o pesquisador tem a liberdade para dar outros encaminhamentos à condução da entrevista, caso seja necessário. Além disso, o entrevistado é livre para exceder as perguntas, pois ele pode fazer outras considerações, caso precise.

O sujeito surdo narrou suas vivências conforme as perguntas realizadas por nós, que foram: a) você teve problemas com sua família ao se assumir homossexual? b) por que você acha que ele, pai, não te aceitou? c) você frequenta a igreja? d) qual igreja? e) o que você prefere: ficar dentro ou fora do armário?

A título de observação, a pergunta referente a letra ‘b’ surgiu em razão do relato do sujeito, ao dizer da não aceitação do seu pai. Por isso, ela foi desencadeada de forma espontânea no momento da entrevista. Também destacamos que, para este artigo, vamos nos direcionar apenas para a pergunta referente ao campo familiar.

Sobre as categorias utilizadas no presente estudo, foram consideradas as categorias analíticas emergentes, oriundas do *corpus* de análise (OLIVEIRA; MOTA NETO, 2011). Elas consistem em: a) alteridade do reconhecimento; b) alteridade da normalidade; c) alteridade do armário.

O Quadro 2 resume as categorias de análise utilizadas.

Quadro 2: As categorias de análise

CATEGORIAS TEMÁTICAS	EIXOS TEMÁTICOS
Alteridade do reconhecimento	O outro enquanto aquele que me completa, me constitui. A alteridade como um ato de reconhecimento.
Alteridade da normalidade	A supremacia de uma identidade frente as demais formas de ser.
Alteridade do armário	O armário. O homossexual relegado ao âmbito do privado.

Fonte: elaborado pelos pesquisadores (2019).

3 Por uma dimensão concreta da palavra no campo familiar

Podemos observar na narrativa do sujeito designado de forma fictícia como Rudá – o aparecimento de alteridades distintas sendo manifestadas na forma de enunciados concretos – a palavra do sujeito surdo na interação com o ‘outro’ – manifestando diferentes cenas de alteridades em um campo específico: o familiar, o qual investe o dizer de uma tonalidade típica. A seguir, o fragmento que analisaremos:

PE: POR QUE TU ACHAR QUE ELE NÃO ACEITAR?ⁱⁱ

RU: PORQUE NÃO GOSTAR PESSOA GAY, JEITO DELE. FALAR MEU PAI MANDAR: “QUERO VOCÊ NAMORAR, CASAR COM UMA MULHER, NÃO QUERER HOMEM. NÃO GOSTAR. SE MEU PAI TER ÓDIO GAY. POR EXEMPLO, QUANDO VISITAR VER AMIGO GAY, MEU PAI CONTRA RAIVA ÓDIO VAI EMBORA. ELE EXPULSAR AMIGO. NÃO SABER O QUE ACONTECER MEU PAI, MAS ELE NÃO RESPEITAR DELE (AMIGO) MEU AMIGO. ELE (PAI) NÃO ACEITAR, POR ISSO EXPULSAR. PORQUE VERDADE ANO PASSADO FAMÍLIA DENTRO PAI, MÃE, IRMÃ; BOM, DESCOBRIR EU GAY. MAMÃE AMAR FILHO, MAS, ELA NÃO QUER FILHO GAY, NÃO QUER! SÓ AMAR FILHO. NÃO ACEITAR FILHO GAY. MINHA IRMÃ AMAR QUALQUER IMPORTANTE. MEU PAI DIFÍCIL NÃO ACEITAR, OBRIGAR, NÃO ACEITAR, HOMOFOBIA FILHO. POR ISSO. (Entrevista com Rudá, em 6 de junho de 2019).

Tradução:

RU: Porque ele não gosta de gay, é o jeito dele. Meu pai falou, mandou: “quero que você case com uma mulher, não quero você com homem. Eu não gosto”. Meu pai tem ódio de gay. Por exemplo, quando um amigo gay veio me visitar, meu pai ficou com ódio e mandou

embora. Ele expulsou o amigo. Não sei o que aconteceu com o meu pai, ele não respeita meu amigo. Ele (pai) não aceita, por isso, ele expulsou. Porque no ano passado minha família: pai, mãe e irmã; bem, descobriram que sou gay. Mamãe disse que ama o filho, mas não quer filho gay, não quer! Só ama o filho. Não aceita filho gay. Minha irmã ama qualquer um, isso é o importante. Meu pai não aceita, ele obriga, não aceita, é homofóbico com o filho. Por isso.

Esse fragmento contém informações para além do reconhecimento de si, no encontro com a palavra do 'outro, bem como há o armário no relato de Rudá. A respeito da concepção de armário, Sedgwick (2003) argumentou:

O armário gay não é um fator presente apenas na vida dos gays. No entanto, para muitos, ele continua a afirmar-se como um elemento fundamental no seu relacionamento social; por mais corajoso e francos que sejam, por mais afortunados quanto ao apoio das suas comunidades, serão poucos os gays em cujas vidas o armário de deixará de constituir uma presença central (SEDGWICK, 2003. p. 8).

O armário concebido enquanto um lugar metafórico, um refúgio subjetivo o qual muitos sujeitos gays vão se esconder, ou melhor, se proteger das mais variadas violências simbólicas das quais eles são vítimas na sociedade. Já relacionando com a fala do sujeito da pesquisa, observamos como ele usa o termo “descobrir”, o que exemplifica a premissa da autora (2003), ao mencionar o armário como um refúgio social para o qual os homossexuais se abrigam para evitarem a rejeição. Esta relação de alteridade acontece no âmbito da família, ou seja, no campo das relações afetivas mais presente do sujeito, por considerar que é no convívio familiar que passamos boa parte de nossa vida, sobretudo, quando crianças.

Por concebermos as relações marcadas por uma de negociação de sentidos, distribuímos a análise em três momentos, os quais chamamos de tensão.

3. 1 Tensão 1: relação de Rudá com a mãe

Em um primeiro momento, nos chama atenção um enunciado: “Mamãe disse que ama o filho, mas não quer filho gay, não quer! Só ama o filho”, pois ele mostra de forma explícita como o campo da comunicação discursiva, que exerce um efeito sógnico na palavra, uma vez que ao emoldurá-la, tipifica o discurso, e assim, intervém

na sua constituição verbo-ideológica, aqui entendida em um ponto de vista linguístico-discursivo, refratado pela mãe.

Bakhtin argumentou que,

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem (BAKHTIN, 2016, p. 54).

Ao contextualizar para o enunciado em análise, visualizamos como o discurso dessa mãe refrata nesse campo da comunicação discursiva, visto que é notória a posição responsiva manifestada por ela – contra a homossexualidade – “não quer filho gay, não quer! O uso do vocativo, um chamamento da mãe para o filho, mostra a sua eloquência no que tange à negação da homossexualidade. A partir disso, visualizamos a alteridade da normalidade refratando nesse conteúdo, mas, também, sendo alternado pela amorosidade – alteridade do reconhecimento – quando do discurso materno diante do filho.

Concernente à questão narrada pelo sujeito, constatamos que ele, Rudá, considera sua mãe se constituindo enquanto figura materna diante de um ‘eu’, nesse caso, o filho. Visualizamos o reconhecimento de uma mãe que se identifica na perspectiva da alteridade, uma vez que o filho é essencial para a existência da maternidade. Conforme Badinter (1985), não há um purismo no que se refere ao amor materno, visto que

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam (BADINTER, 1985, p. 21).

Como argumentou a autora, é um equívoco pensar em um amor genuíno, pois trata-se de uma construção que tem interesses envolvidos, os quais têm a finalidade de disseminar no imaginário social uma concepção sobre a imagem da mulher na sociedade e que irá determinar seu papel por muitos anos, que está relacionado à figura da procriação, o que implica pensarmos em uma forma de tutelar o corpo.

Já sobre o excerto da entrevista, consideramos dois momentos, sendo o uso do conectivo adversativo essencial para a compreensão desses, trata-se de uma oração coordenada sindética, com o marcador discursivo *mas*, entendido não apenas como um elemento de divergência no plano da oração, também como um termo expressivo, porque refrata um posicionamento repressor. Há um amor pelo filho, assim como o conectivo aponta para a fronteira, a zona limítrofe do reconhecimento e da exclusão. Vale apenas destacar como esse amor materno é uma construção ideológica, uma vez que há a presença de uma forte influência religiosa.

A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criará o hábito de pensar que toda boa mãe é uma "santa mulher". A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho (BADINTER, 1985, p.222).

Como podemos constatar, esse amor maternal é constituído por um discurso de poder, nesse caso, o da religião, que impõe a mulher uma responsabilidade para com o filho, o que é amplamente acatado no seio social, ao ponto de revestir a figura da mãe na sociedade. Além disso, a imagem da mulher aos moldes da imagem de Maria é uma forma de atribuir à mãe uma série de deveres que podem também serem vistos como uma forma de amor. Com base nisso, há uma tensão entre a exclusão do filho por sua homossexualidade e a sua subserviência social, no sentido de que uma boa mãe jamais renega o seu filho, seguindo os moldes cristãos.

Ainda a respeito do fragmento em questão, podemos compreender o trecho "Só ama o filho", sendo esse enunciado compreendido enquanto uma unidade discursiva, uma vez que é constituído por uma vivência real, porém, passível de um questionamento, já que o uso do advérbio *só* demarca um olhar fragmentado da mãe diante do filho, pois o termo em questão tem um acento de valor, que restringe o sentimento. Ou seja, é um amor que impede a mãe de acolher o filho em sua plenitude.

Em virtude disso, buscamos subsídios em Volóchinov (2013), no que tange ao conceito de signo ideológico: "Por isso, qualquer signo ideológico, sendo produto da história humana, não só reflete, mas inevitavelmente refrata todos os fenômenos da vida social" (VOLÓCHINOV, 2013, p. 195). A partir dessa lógica, conseguimos entender como esse amor verbalizado pela mãe está constituído ideologicamente de um conteúdo normalizador, isto é, o advérbio demarca o aparecimento de uma

alteridade da normalidade, o que também demarca a projeção do lugar de um filho ideal normalizado que é o objeto desse amor pleno.

Sobre a constituição do sujeito, mais uma vez recorremos a Bakhtin (2017): “A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo” (BAKHTIN, 2017, p. 30).

Percebemos a alteridade relacionada à produção das identidades, uma vez que a identificação de si não está no ‘eu’, mas no ‘outro’, visto que esse nos traz a completude e o acabamento necessário. Nesse sentido, visualizamos a mãe – na visão de Rudá – situando o seu centro de valor: o Rudá – filho – como aquele que inaugura a existência do ser mãe.

Esse ser mãe está atravessado pela amorosidade, possui uma ligação de afago estritamente emocional com o seu filho, que está relacionada ao campo da comunicação discursiva, já que é no espaço de interação familiar que as relações mãe-filho são estabilizadas. Esse cuidado, materializado no plano da língua, ainda que dialogizado por um teor homofóbico, é ativado quando essas relações acontecem.

Por isso, podemos visualizar que, mesmo a mãe do Rudá não aceitando a sua homossexualidade, ainda sim, há o prevaecimento do vínculo com aquele que faz parte de sua existência materna, do ponto de vista de Rudá – o faz reconhecer no âmbito da amorosidade, a qual constitui a relação mãe-filho, também é importante salientar que essa figura materna de amorosidade está alicerçada em uma base ideológica cristã, dado que a maternidade enquanto uma construção sagrada, cuja existência está voltada para se dedicar ao filho faz parte de uma forma de controle ontológica da mulher (BADINTER, 1985). Sendo essas tramas dialógicas realizadas pelo plano linguístico, é superado no momento das relações, as alteridades, quando as palavras deixam de ser meras termos e se tornam enunciados concretos.

Tensão 2: relação de Rudá com a irmã

Em um primeiro momento, o que nos chama a atenção é o fato de o emprego do pronome possessivo em primeira pessoa, indicando uma certa afetividade do sujeito, como podemos ver em determinados momentos, como em: “Minha irmã ama qualquer um, isso é importante”, demonstrando como o emprego do termo de posse

está repleto de um conteúdo ideológico de aceitação, uma vez que a irmã o aceita independente de sua sexualidade.

Destacamos esse sentido, pois o uso do pronome de posse refrata, isto é, ao marcar sua irmã, Rudá atribui um tom autoral à narrativa, nesse sentido, ele trata a irmã como uma pessoa importante. Para Bechara (2009), “Além de exprimir a nossa simpatia, serve também o possessivo para traduzir nosso afeto [...]” (BECHARA, 2009, p. 47). Assim, mostra a amorosidade, também uma forma de alteridade do reconhecimento. Há outro enunciado em que aparece novamente o uso do pronome possessivo: “Porque ano passado minha família: pai, mãe e irmã; bem, descobriram que sou gay”.

Esse enunciado se constitui como verbo-ideológico, pois a palavra materializa o projeto de dizer esboçado pelo sujeito, ou seja, a partir do uso do pronome *minha*, ele atribui um caráter emotivo-volitivo, já que essa marca linguístico-semiótica é uma marca afetiva do Rudá para se posicionar axiologicamente à sua família, materializadas nos três parentes mencionados: pai, mãe e irmã. Ademais, atentamos para o recurso linguístico-discursivo usado pelo sujeito: o aposto, para deixar explícito ao interlocutor o que ele concebe por família em sua coletividade.

Assim, a irmã do sujeito em questão também reconhece Rudá na amorosidade, transparecendo o seu amor pelo ‘outro’, independente de quem seja. Outro aspecto importante quando ele se referiu à fala da irmã, é quando há o aparecimento do “amar qualquer um”. Esse trecho, uma locução adverbial, é muito significativo, uma vez que, a partir do relato narrado pelo Rudá, se reconhece inacabado e incompleto, e, dessa forma, reconhece o ‘outro’ e o acolhimento necessário para a construção do ser.

Apesar desse importante ato de reconhecimento da irmã, também podemos observar como há um tom normalizador em sua fala, pois, ao dizer que ama qualquer um, de forma indireta, ela reforça a lógica do discurso homofóbico, visto que provoca um efeito de sentido preconceituoso. Esse tom de preconceito é como se ela dissesse, mesmo você sendo gay, eu o amo, assim como qualquer um, dando margem para colocar a homossexualidade como uma anomalia. Uma espécie de homofobia cordial, demonstrando as tensões presentes: o aceita, no entanto, refrata uma suposta tolerância, que também dialoga com o discurso cristão, da misericórdia para com os irmãos.

Ademais, um aspecto a ser considerado é a premissa da identidade, em que sugere duas formas de sexo, sendo que as que não se encontram nessa dualidade, são consideradas marginais e, portanto, sofrem sanções discursivas. De acordo com Butler (2008),

Onde o sexo é tomado como um princípio de identidade, ele é sempre posicionado num campo de duas identidades mutuamente exclusivas e completamente exaustivas; é-se macho ou fêmea, nunca os dois ao mesmo tempo, e nunca nenhum dos dois (BUTLER, 2008, p. 99).

A partir de uma leitura da obra de Michel Foucault, a autora argumenta para a necessidade de elaborar uma das identidades desejadas pela sociedade e suas instâncias controladoras. Assim, podemos relacionar esse controle com o as narrativas do Rudá, visto que, por não se enquadrar nos moldes sociais, foi oprimido no seio de sua família, que, de forma simbólica, exerceu uma regulação e um controle de ordem discursivas sobre a sua sexualidade.

Ainda de acordo com Butler, “[...] a sexualidade sempre é construída nos termos do discurso e do poder, sendo o poder em parte entendido em termos de convenções culturais heterossexuais e fálicas” (BUTLER, 2003, p. 55). Isso mostra como há um regime estabelecido socialmente, em que a heterossexualidade compulsória opera e considera um desvio aqueles que não se identificam com os modelos determinados socialmente.

Diante disso, ao dialogarmos com os relatos do Rudá, é possível observarmos como a própria família já tem um ideal de sujeito, construído pelo interdiscurso, e que isso vai interferir até na forma como a irmã vai amar o irmão. Novamente, pela ótica cristã, podemos observar àquela máxima, “amai-vos uns aos outros”, como uma espécie de compaixão por alguém que está nas trevas, logo, digno de clemência.

Tensão 3: relação de Rudá com o pai

Encontramos no narrar do mesmo sujeito o uso do pronome *meu* também indicando acusação, nesse caso, ao pai: “meu pai tem ódio de gay”, “meu pai não aceita”. Dessa forma, observamos um traço estilístico-discursivo oscilante, visto que o emprego do pronome possui duas valorações distintas, a da amorosidade e do afeto, e em outro momento, como um recurso linguístico para designar um tom de denúncia.

Assim como acontece com o uso da marcação de pessoa ao se reportar ao pai, “Ele não gosta de gay”, “Ele expulsou o amigo”, “ele não respeita meu amigo”, “ele obriga, não aceita”; com bases nesses enunciados, visualizamos o termo mencionado assumindo um sentido de *deixis*, como se fosse um apontamento de denúncia ao pai pelas recorrentes discriminações manifestadas e a atribuição da culpa pela homofobia sofrida.

No que tange ao que foi narrado sobre o pai, destacamos uma marca linguístico-discursiva, a terceira pessoa do singular – *Ele* –, pois mostra um posicionamento axiológico, ao enfatizar a figura do pai sempre a margem, o que expressa o distanciamento que foi casado entre ambos por conta dessa questão da homossexualidade. Assim, ao analisarmos em um viés linguístico-discursivo, constatamos o uso do *e/le* como um artifício verbal para se distanciar do opressor, o pai. Esse distanciamento refrata, por meio da palavra/sinal, a mágoa sentida pelo sujeito ao se referir à figura citada.

Diante disso, constatamos como esse enunciado reflete um ideal opressor, pois não reconhece a amorosidade para com pessoas homossexuais, o que já demonstra uma alteridade da normalidade, em razão de condicionar o reconhecimento amoroso a partir da sexualidade do sujeito. Também é refratado por uma mãe que, seguindo os postulados daquilo se compreende por família, não pode destratar o seu filho, dessa maneira, a mãe expressa seu amor, no entanto, ressalta esse condicionamento.

Considerações finais

Com o objetivo de analisar as relações de alteridade presentes nas narrativas de um sujeito surdo homossexual, tomamos por base os princípios da epistemologia dialógica da linguagem, proposta por Bakhtin e o Círculo, particularmente Volóchinov, para subsidiar as discussões e reflexões desencadeadas a partir dos relatos do sujeito da pesquisa.

A partir das análises realizadas, constatamos esse sujeito sendo constituído por diferentes alteridades, sempre inserido em uma situação dialógica frente a um outro em um contexto específico da vida. Assim, compreendemos o caráter diverso da alteridade, pois vimos as distintas formas de relações estabelecidas com esses outros.

Acerca dessas alteridades, em diferentes momentos enxergamos o outro concebendo esse sujeito, ora de forma integral, ora de forma fragmentada, sendo um aspecto revestindo sua identidade complexa. Essa forma plural de compreender Rudá, que está relacionada à questão espaço-tempo, afeta diretamente a relação com ele vivenciada, por isso essas relações dialógicas contêm um caráter heterogêneo: reconhecimento na amorosidade, tolerância e exclusão. Assim, a língua é permeada pela vida, portanto, pela concretude dos enunciados.

Ademais, salientamos a partir dos fatos narrados, a predominância no fragmento narrado de uma alteridade da normalidade, uma vez que condiciona a amorosidade do pai e da mãe a sexualidade padrão, 'normal' do sujeito e, com isso, conseguimos perceber como determinados segmentos são alocados em espaços discursivos de pouca visibilidade, como é o caso da homossexualidade, a qual, aliada à surdez mostra uma complexidade maior, pois a surdez o coloca na categoria de Pessoa Com Deficiência – PcD, o que já interfere na leitura da própria família, com um olhar sob a ótica da incapacidade e infantilidade, tendo como consequência a invisibilidade a respeito da própria sexualidade, além de posicionar o sujeito homossexual em uma realidade mais específica, com narrativas singulares: sejam elas de controle, sejam elas de resistências frente aos processos de opressão.

Notas

*Especialista em Docência no ensino de Libras, Universidade do Estado do Pará, fabiolibras16@gmail.com.

**Doutor em Educação Especial, Universidade do Estado do Pará, anchieta2005@yahoo.com.br.

ⁱ Utilizamos um sistema reduzido de transcrição e tradução da língua de sinais para a língua portuguesa, utilizando "glosas" em caixa alta para representar os sinais. Mantivemos o sistema de pontuação da língua portuguesa para representar a expressividade da fala do surdo.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferença entre essa unidade e as unidades da língua (palavras e orações). In: BAKHTIN, Mikhail. **Os Gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo

Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Ed. 34, 2016, 164p. p. 23-69.

BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da ed. Russa Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017, 104p.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, 854p.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcante. Denise Maria Gurgel Lavallée. Revisão científica Maria da Conceição Passeggi, Márcio Venício Barbosa – Natal, RN: EDUFRN; São Paulo, Paulus. 2010, 167p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel, C. Friche. **Poder, normalização e violência**: Incursões foucaultianas. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 91-108.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: outros conceitos chave. 2. Ed. 2º reimpressão. São Paulo: contexto, 2016, 264p. p. 9-30.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. **Divulgação científica**: linguagens, esferas e gêneros. São Paulo, 2013, 333p.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. Ed. 2º reimpressão. São Paulo: contexto, 2016, 264p. p. 133-160.

MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. (Orgs.). **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010, 108p.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares da. A construção de categorias de análise na pesquisa em educação. In: MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011, 184p. p. 161-179.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Trad: Ana R. Luis e Fernando Matos Oliveira. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017, 373p.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra e sua função social. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, 273p. p. 189-212.

Recebido em: abril/2022.
Aprovado em: setembro/2022.